

VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 44 – dez / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

CINEMA: CORRELATO SECULAR DE UMA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA?

Me. Ozenildo Santos Xavier da Rocha

CINEMA: CORRELATO SECULAR DE UMA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA?

CINEMA: secular correlate of a liturgical spirituality?

Me. Ozenildo Santos Xavier da Rocha¹

¹ Doutorando em Ciências da Religião (PUC-MG). Mestre em Teologia da Praxis (FAJE-BH). Especialista em Teologia Sistemática (FATE-BH). Bacharel em Teologia (FBMG). Licenciado em Sociologia (UNINTER) e Filosofia (UNIBF). Capelão na Rede Batista de Educação. E-mail: ozenildosantos@yahoo.com.br.

RESUMO

O presente artigo intenta captar aspectos contemporâneos da espiritualidade, tomando como lugar de observação a relação que se estabelece entre a liturgia cristã e a experiência em se assistir a um filme cinematográfico. A liturgia cristã se apresenta como uma maneira de expressar a compreensão de sentido particular e pessoal num coletivo de ritos e formas, que se realizam como experiência geradora de sentido na comunidade. O cinema, com a animação proposta nas telas que projetam e recebem dados do cotidiano em sua realidade e ficção, pode apresentar nesta experiência aspectos de significado que transcendam ao meramente formal da técnica cinematográfica. Para tanto, em um primeiro momento discute-se a estética do cinema em diálogo com a espiritualidade cristã. Em um segundo momento, apresenta a liturgia como categoria objetiva de sentido da experiência religiosa. Destes aportes, intui-se do cinema a possibilidade de sentido que transcenda a forma puramente técnica e pretende-se compreender o momento da experiência em se assistir a um filme como estética geradora de uma possível experiência religiosa.

Palavras-chave: Cinema. Espiritualidade. Liturgia. Sentido. Correlato.

ABSTRACT

This article intends to capture contemporary aspects of spirituality, taking as a place of observation the relationship established between the christian liturgy and the experience of watching a cinematographic film. The christian liturgy presents itself as a way of expressing the understanding of a particular and personal meaning in a collective of rites and forms, which take place as a meaning-generating experience in the community. Cinema, with the animation proposed on the screens that

project and receive daily data in its reality and fiction, can present aspects of meaning in this experience that transcend the merely formal of cinematographic technique. Therefore, at first, the aesthetics of cinema is discussed in dialogue with christian spirituality. In a second moment, it presents the liturgy as an objective category of meaning in religious experience. From these contributions, the possibility of meaning that transcends the purely technical form is perceived in the cinema and it is intended to understand the moment of experience in watching a film as an aesthetic that generates a possible religious experience.

Keywords: Cinema. Spirituality. Liturgy. Meaning. Correlate.

INTRODUÇÃO

O cinema torna-se cada vez mais objeto de estudos nos cursos de ciências sociais e humanas dado ao avanço tecnológico que combina e intercambia as relações entre a grande e as pequenas telas, sejam de aparelhos eletrônicos com acesso à internet seja por aplicativos que possibilitem criar e recriar a fotografia em movimento dando o “tom” da imagem em um contexto que traz de maneira demasiada as marcas do simbólico e do imagético. A cultura em todas as relações combinadas no seu interior cria, sedimenta, recria e interpreta as tradições, convicções e valores construídos, dando os acentos próprios de uma determinada época. A religião como uma instituição sociocultural não está imune a esses processos e experiências particulares e coletivas.

Neste artigo, discute-se em um primeiro momento a estética do cinema em diálogo com a espiritualidade. Em um segundo momento, apresenta a liturgia como categoria objetiva de sentido da experiência religiosa. Destes aportes, intui-se do cinema a possibilidade de sentido que transcenda a forma pura-

mente técnica e pretende-se compreender o momento da experiência em se assistir a um filme como estética geradora de uma possível experiência religiosa.

1. A ESTÉTICA DO CINEMA EM DIÁLOGO COM A ESPIRITUALIDADE

Desde os idos de 1895 quando se assistiu a primeira exibição de um filme de curta duração por iniciativa dos Irmãos Lumière em Paris, o que se verificou em tempos posteriores, com a ampliação dessas primeiras amostras cinematográficas, foi um lugar cada vez mais distinto dessa maneira de se produzir ou registrar a realidade captando-a por meio das lentes de uma câmera, criando e recriando o espaço e a subjetividade no contexto das culturas e sociedades.

Tal invenção perpassou desde o cinema em seu aspecto *mudo*, seguindo-se de incrementos com o uso do *som* e das narrativas elaboradas com mais diversidade de gêneros cinematográficos, de modo que, chega-se à atualidade com a história do cinema marcada por um lado, pela sua caracterização em torno da cultura secular e moderna e, por outro, com o uso das narrativas religiosas, muitas vezes com acento tipicamente confessional, como no caso de filmes bíblicos.

Viu-se, ainda, um cinema com conotações políticas e com acento no qual se refletia o contexto sócio, político e cultural de seu tempo, como no período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, com certa dose crítica por parte dos produtores de filmes tendo, nestas provocações, reações por parte de Estados que se viam objetos das críticas então oferecidas pelo cinema.

Sobre este aspecto histórico e sociocultural apresentado na esteira das produções cinematográficas, percebeu-se que para uma leitura mais compreensiva das narrativas, há que se atentar para a dimensão histórica do contexto onde as narrativas surgem, para então, sob esse olhar criterioso, analisar cada

produção tomando-se como base os elementos próprios da técnica do cinema, aportando-se, ainda mais, com os critérios que extrapolam ao aspecto formal e técnico. Como sustenta Mascarello em leitura histórica sobre o cinema na Europa, nos EUA e seus desdobramentos técnico-artísticos e analíticos:

A nova geração de pesquisadores passou a investigar não apenas os primeiros filmes, mas o contexto em que eram exibidos. Para eles, não bastava analisar apenas as cópias de filmes. O trabalho de pesquisadores como Charles Musser mostrou que a falta de certos elementos narrativos não era uma deficiência dos filmes, mas um indício de que a coerência das imagens era dada por elementos externos ao filme - seja o prévio conhecimento dos assuntos por parte dos espectadores, seja a participação, muito comum na época, de um conferencista ou locutor. Musser apontou o papel decisivo dos exibidores nas apresentações dos filmes; como os antigos apresentadores de lanterna mágica, eles usavam recursos sonoros como música e ruídos. A maioria dos filmes da primeira década tinha apenas um plano e, quando havia vários planos, eles não eram filmados de forma a se articularem.²

Da constatação de que o cinema cada vez mais se amplia em técnica e leitura crítico-analítica, pôde-se perceber que as narrativas contemplavam aspectos implícitos e explícitos de certo contexto histórico, o que, de certa maneira, pressupunha um diálogo entre o produtor/roteirista e a subjetividade do público que viesse a apreciar o seu trabalho. Verifica-se, desse modo, uma flagrante interposição entre a tela e a subjetividade do indivíduo, o qual está inserido em um dado contexto/tempo histórico com as suas peculiaridades e possibilidade de compreensão histórica.

As telas, como se percebeu na jornada de exibição dos cinemas pelo mundo afora, ora captavam a realidade, ora foram provocadoras de uma experiência de um mesmo lugar experien-

2 MASCARELLO, F. (org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006, p. 25.

ciado pelo público interessado e os produtores cinematográficos, o que pôde ser compreendido como uma experiência articulada/dialogada entre o mundo da tela e o mundo da vida – este último em sentido husserliano.³

O século XXI apresenta uma concepção de mundo bastante complexa, onde o pluralismo de ideias se amplia e provoca nas grandes narrativas da modernidade uma revisão em seus postulados. No campo religioso, verifica-se a religião em pedaços, fruto da ampliação da liberdade individual apresentada pelo projeto moderno e, de certa emancipação do indivíduo com relação ao outro absoluto, o que gerou crise de representação da fé e das instituições religiosas na atualidade.⁴ A religião, sob esse novo olhar tende a ser reinterpretada ou reconstruída sobre novos prismas. Como enfatiza Cruz:

A velocidade das mudanças no progresso da sociedade vai gerar um movimento de crenças religiosas individuais. A visão de modernidade e da religião foi revista pela sociologia. Dois aspectos são considerados: a dispersão das crenças e condutas, de um lado, e a desregulação institucional da religiosidade, de outro. Deixa-se de pensar numa religião histórica. Novas crenças passam a compor o religioso, baseadas na experiência subjetiva dos indivíduos, e, não, na verificação e na experimentação, que caracterizam o mundo racional. Essas crenças baseiam-se em práticas, gestos e automatismo. Têm caráter fluido e disperso, com empréstimo de grandes tradições religiosas ou bíblicas. As crenças modernas são entendidas do ponto de vista da bricolagem, já que sua definição estrita se torna cada vez mais difícil. Nas crenças contemporâneas, constatamos que o religioso não está só nas instituições

3 Para discussão da fenomenologia de Husserl e seu conceito de mundo da vida, recomendamos a leitura do artigo de MISSAGGIA, J. A noção husserliana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 41, n. 1, p. 191-208, Mar. 2018. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732018000100191&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2019.

4 LIBÂNIO, J. B. *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.

religiosas, de forma compacta e concentrada; ele se encontra ativo e latente, explícito ou implícito, na realidade social, cultural e psicológica.⁵

A citação acima permite compreender que, embora as mudanças estruturais e sociais não ocorram na mesma proporção cronológica em todas as sociedades, tais mudanças e a reconfiguração enquanto fatores históricos e sociais não podem ser negados, sobretudo em espaços onde a configuração das ideias e mecanismos tecnológicos da modernidade possui melhor acesso, como é o caso dos grandes centros urbanos.

A cidade se tornou o espaço de vida da maioria da população da América Latina e no Brasil em específico, quando os dados mostram em torno de 214.000.000 de habitantes.⁶ Isso mostra que os impactos da cultura e da vida moderna têm a possibilidade de afetar a este público que reside nos grandes centros, contextos de expressão mais marcante quanto à concepção moderna de cidade. Tal viés estatístico também pode ser percebido nos estudos de religião e das expressões religiosas desse tempo atual, os quais apontam alterações significativas no campo religioso institucional.⁷

A presença da religião, como acentuada nos estudos de sociologia clássica, viria a desaparecer do contexto cultural moderno. Mas o século XX presenciou de maneira efervescente essa presença ora em seu aspecto profético acentuado no campo político, como na Teologia da Libertação na América Latina⁸, seja pela dimensão mais romântica, encontrada, sobretudo, nas manifestações menos institucionalizadas e subjetivas das experiên-

5 CRUZ, J. E. Religião em movimento. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 184-186, 2010, p. 185. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010085872010000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2019.

6 IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock. Acesso em 24/02/2022.

7 ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2019.

8 LIBÂNIO, 2003.

cias de fé, tal como nos *Novos Movimentos Religiosos*, no final do século XX e início do século XXI.⁹

Como destacam Libânio e Murad, a teologia na modernidade conheceu e veio a reconhecer que “os lugares teológicos” perpassam a dimensão da vida humana em sua riqueza e complexidade, com as alegrias e dores do cotidiano.¹⁰ Deste fato, na contemporaneidade, os lugares ampliam-se ainda mais a ponto de se pensar, por exemplo, em uma *Ciberteologia*¹¹, bem como em múltiplas teologias, como a questão do pluralismo religioso contemporâneo.¹²

Apropriando-se da categoria “lugar” em seu aspecto epistemológico, pensar a questão da espiritualidade em perspectiva que contemple uma multiplicidade de aspectos fenomenológicos da experiência humana, o cinema em sua constituição *lugarizada-não-lugarizada* pode nos oferecer pistas em como a espiritualidade se desdobra em tempos como o atual e como tal fenômeno pode ser percebido a partir das telas. Pode-se entender que a imaginação humana encontra no cinema um impulso correlacionável capaz de propor ao observador/participante do filme um momento de transcendência com uma experiência real e imaginária ao mesmo tempo. Ao comentar a relação entre cinema e teologia no contexto de uma teologia da cidade, Santos enfatiza que:

O cinema deveria interessar à teologia por uma razão muito simples: não houve, desde o último século, outra maneira mais eficaz de produzir e contar histórias como o cinema. Não houve, desde as primeiras décadas do século XX, outra

9 MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião e seu foco na secularização. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, p. 237-239.

10 LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. *Introdução à teologia: perfil, enfoques e tarefas*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 34-35.

11 SPADARO, A. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo em tempo de rede*. São Paulo: Paulinas, 2018.

12 TEIXEIRA, F. *Teologia e Pluralismo Religioso*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012; PANASIEWICZ, R. *Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré*. São Paulo: Paulinas, 2007.

técnica e linguagem que influenciasse e difundisse tanto um imaginário social comum em tão diferentes contextos culturais. Evidentemente, não se trata de uma técnica de comunicação isolada, porque deve sua própria origem à cultura escrita, e seu repertório é amplamente literário. Mas, uma vez que o cinema consiste em num verdadeiro retorno à oralidade, combinada com a imagem, podemos pensar, sem receio, que não houve outra forma de comunicação tão imediata e universalizada como esta que surge com o evento do cinema. E a razão disso está na cumplicidade que a imagem em movimento estabelece com a percepção e a imaginação humana.¹³

A vida é movimento em todas as direções.¹⁴ Da particularidade à totalidade, da especificidade à generalização. Dá-se como caminho criativo de possibilidades humanas capazes de gerar sentido. A espiritualidade é este espaço de amplidão onde a realização humana se manifesta sem se esgotar no fator experimental momentâneo. Está para além, é um potencial que pode ser conhecido e experimentado pela necessidade humana de transcender-se.

É nesse sentido que Boff e Hathaway discutem a espiritualidade como uma categoria que amplifica certa compreensão intimista e egoísta da experiência humana.¹⁵ Os autores dão um tom harmônico na experiência da vida trazendo à baila uma concepção ampliada do modo de ser humano, conectando-o às diversas esferas da realidade objetiva e subjetiva. De acordo com eles,

13 SANTOS, J. M. G. Cinema e teologia: porque tratar de cinema em uma teologia da cidade? In: ZWETSCH, R (org.). Cenários Urbanos: realidades e esperança desafios às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 242.

14 Para leitura ampliada sobre a temática da *evolução da vida*, confira o artigo de Ana Beatriz Antunes Gomes, no qual a autora discute o pensamento de H. Bergson. A autora comenta que “a ordem vital é essencialmente um processo inesgotável de criação. A vida é um aspecto expressivo do tempo que, por sua vez, é autônomo e independente do espaço e do sujeito, bem como irredutível às funções quantitativas de medida” (GOMES, A. B. A. Bergson e a evolução da vida. *Kinesis*, V. IV, n.07, p. 1. Disponível em: <https://www.marília.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/anabeatrizgomes254-272.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019).

15 BOFF, L.; HATHAWAY, M. **O tao da libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2012.

A espiritualidade é um modo de ser, uma atitude fundamental a ser vivida a todo o momento e em todas as circunstâncias [...]. Para tornarmos a inteligência espiritual uma realidade concreta, um projeto consciente, precisamos reiterar a espiritualidade como uma dimensão central às nossas vidas, precisamos tornar nossas vidas abertas, sensíveis e conscientes das múltiplas dimensões da experiência humana. [...] A espiritualidade nos ajuda a dominar a perigosa lógica do egoísmo, tão presente hoje em dia, que nos leva a tomar posse das coisas para nosso próprio proveito e prazer. Ela cria espaço para a lógica da coexistência, da cordialidade, da reverência face à realidade única, (a diferença) de cada ser e a nossa comunhão com todas as coisas e com Deus.¹⁶

Assim, tomando como ponto de partida o lugar epistemológico, ou seja, a categoria cinema como realidade de possibilidade de expressão e impressão da cotidianidade, intui-se dessa maneira criativa e geradora de sentido para a experiência humana uma maneira de exercício formal e informal da espiritualidade na contemporaneidade. O cinema, enquanto movimento que capta e gera significado sociocultural e pessoal, tem a potencialidade de ser compreendido para além de uma expressão da evolução da técnica, mas que contém nesse mesmo aparato e a partir dele uma revelação consciente do inconsciente presente nas estruturas humanas coletivas e particulares.

É nesse caminho que a estética do cinema está para a espiritualidade como um correlato, ou seja, na contemporaneidade, dado o refazimento das experiências em todo campo da vida social e cultural, e de modo específico na religião, que, como mencionado acima, constitui-se nesse contexto como pedaços e fragmentos, o cinema é um fragmento possível da expressão religiosa que possibilita no *self* e na *bricolagem*, maneiras próprias de continuidade da religião nos espaços múltiplos de liberdade abertos pela modernidade.

16 BOFF; HATHAWAY, 2012, p. 428-429.

2. LITURGIA AD INTRA E AD EXTRA: CINEMA COMO UMA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA?

A discussão que versa sobre a liturgia, na compreensão mais imediata da percepção religiosa no imaginário cultural moderno poderá conduzir a um olhar tipicamente orientado para o contexto particular das comunidades religiosas, mesmo que seu sentido clássico possa trazer dimensões mais ampliadas.

Fato é que a liturgia, em seu sentido religioso tal como experienciada no cristianismo remonta ao período Patrístico e Medieval, no qual a fé cristã ganhava novos contornos por conta de seu contato e inserção no mundo helênico. O cristianismo, naquela ocasião careceria traduzir sua maneira judaica de perceber a realidade, ou seja, o contato com a filosofia e cultura greco-romana possibilitou a ressignificação de sua linguagem em categorias novas e contextualizadas.

Numa leitura retrospectiva pode-se pensar a liturgia em sua consideração histórica, como nas sociedades antigas gregas. Dera-se como algo que nos oferece pistas para se entender o seu significado na atualidade. Neste aspecto, Amorese aponta que:

A palavra liturgia vem do grego *leitourgia*, que quer dizer “função pública”, também ligada ao serviço prestado aos deuses. Adotado pelo latim medieval, o termo virou liturgia, significando culto público. Na adoração secreta, pessoal, a liturgia não faz sentido, pois a organização das ações não requer uma ordem formal. Esta se faz necessária quando outras pessoas passam a ser envolvidas no processo. Assim, a liturgia nada mais é que uma ordem empregada ao culto público, de forma a evitar o caos que reinaria caso ela não existisse. No início da igreja cristã, ela surge rudimentar, nas reuniões dominicais nos lares, apropriando-se de elementos do culto judaico. Aos poucos, com o aparecimento das igrejas, adquire elaboração mais complexa e formal,

chegando a ter sua ordem publicada. Essa ordem acaba por estender-se ao calendário anual de atividades da igreja.¹⁷

Da constatação inicial de que a liturgia possuía aspectos distintos tanto na compreensão político-religiosa quanto em seu aspecto eclesial, a possibilidade de seu aspecto semântico extrapolar a condição específica da comunidade religiosa local torna-se algo factível e possível. Luiz aponta o conceito de liturgia como possuindo duas vertentes a saber:

a) *Vertente secular e profana*. [...] Era exercida por uma casta de pessoas ricas agregadas ao Estado na antiga Grécia, em especial Atenas; estes cidadãos serviam-se do erário público, que pagavam cantores, oradores e artistas nas suas festas[...]. b) *Vertente religiosa*. A versão dos Setenta (Septuaginta LXX) aplica o termo liturgia para o serviço sagrado no templo em Jerusalém. É a partir daí que a palavra liturgia fica ligado ao serviço sacerdotal compreendendo o ritual do culto sacro-cristão. É este o sentido que prevaleceu e se consagrou na linguagem oficial do Cristianismo.¹⁸

Há nestas definições pistas importantes para se perceber a dimensão do alcance da liturgia nos contextos greco-romanos. Com esse breve recurso histórico e linguístico, percebe-se que a liturgia, em seu aspecto formal está para além de uma concepção privada, podendo ser compreendida em seu aspecto público, político em conjunto à expressão entendida pela via religiosa. Essa compreensão trazida à baila favorece o que mais adiante quer se afirmar neste texto como uma espiritualidade litúrgica no contexto público, de modo específico, o cinema.

Ao depararmos com a história das civilizações, sua maneira de se comportar, seus aspectos culturais, de culinária, de vestimentas, de organização social, sua língua, seus símbolos, o

17 AMORESE, R. M. Louvor, adoração e liturgia. Viçosa: Ultimato, 2004, p. 26-27.

18 LUIZ, 2016, p. 29-30.

modo como a tradição foi repassada de geração em geração, as formas com as quais expressam sua religião, todos estes aspectos falam de uma dimensão humana a qual ultrapassa a materialidade e a cultura expressa em todas estas construções.

Há algo no ser humano que o possibilita ir além das circunstâncias, que o faz avançar, mesmo em contexto de limitações das mais variadas. O ser humano, em sua jornada pela existência tem feito muito e continua a trabalhar para que seus desejos e necessidades sejam supridos. Poderíamos dizer que as necessidades humanas são de ordem as mais diversas. Perpassam a dimensão corporal, seguem em seu aspecto afetivo/psíquico e avança para um nível de profundidade onde reside a questão última de sua existência. Estamos falando do espírito humano. Sua condição de transcendência, sua elaboração diante da vida que o faz perceber e dar-se conta de que não está sozinho no mundo.

Constatada a sua presença como ser de potencialidades diante do mundo à sua volta, o ser humano tende a buscar um sentido para sua vida. Nesta construção cria para si formas de significado, tentando aplacar as angústias e necessidades próprias da limitação do corpo e do psíquico/afetivo.

É neste aspecto que o humano pode ser compreendido como ser de abertura, inacabado, com sua possibilidade em ser mais, alça-se voo e pode com isto criar e recriar a sua existência. Neste sentido, falar da espiritualidade humana é reconhecer essa dimensão profunda que abarca a vida na qual o humano se realiza. Hellwig assevera que:

Atualmente, espiritualidade é um termo que veio sendo descoberto não só no âmbito da igreja, como também pelas pessoas na sociedade como um todo. Entrementes, o termo espiritualidade sofreu um certo desgaste e está inflacionado em seu uso. Já não o compreendemos mais como sendo a igreja seu lugar de referência. Assim a compreensão que temos do conceito espiritualidade não

fica muito clara, e nela se misturam conteúdos e métodos advindos das mais diversas práticas de tradições religiosas ocidentais e orientais.¹⁹

Se por um lado, de acordo com o autor acima, há certa confusão quanto ao entendimento do termo *espiritualidade*, por outro lado há quem a pense de maneira a abarcar o todo da vida, colocando sempre a possibilidade de expansão humana propondo uma reflexão que perpassa uma espiritualidade encarnada, dialógica e vivenciada nas experiências do cotidiano.

Quanto a essa maneira de ver a espiritualidade, nota-se empreendimento que, em termos filosóficos tenta superar a racionalidade cartesiano-kantiana. Tal via, a moderna, enveredou-se pelo império do cientificismo, deixando à margem outros aspectos epistemológicos, legítimos das dimensões humanas do existir. Libânio e Murad, ao descrever a modernidade científica e seus desdobramentos sociais e culturais enfatizam que “a pós-modernidade rasga cruelmente a máscara ideológica desse discurso e joga-lhe em face o engodo de suas pretensões”.²⁰ Mas advertem, por outro lado, sobre o risco de ingenuidades de discursos que, no afã de substituir esse polo, cai em outra armadilha:

A valorização da linguagem simbólica e estética abre promissoras possibilidades para o discurso teológico e religioso, a tal ponto que o risco reside no polo oposto. Vindo ao encontro de sensibilidade simbólica e de sede de uma linguagem que fale à totalidade da pessoa, a teologia pode aventurar-se em discursos fáceis e superficiais, saltando açodadamente a racionalidade cartesiano-kantiana. Ocupar espaço que se abre não implica necessariamente deixar o anterior.²¹

Os autores acima reafirmam a necessidade de um olhar que contemple a hermenêutica com sua compreensão e inter-

19 HELLOWIG, E. C. Espiritualidade cristã em contexto urbano: limites e possibilidades. In: ZWETSCH, R. (org.). **Cenários Urbanos**: realidades e esperança desafios às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 169.

20 LIBÂNIO; MURAD, 1996, p. 35.

21 LIBANIO; MURAD, 1996, p. 35.

pretação e, ao mesmo tempo, resgate aspectos omitidos pela racionalidade moderna. Assim, a abertura ao mistério torna-se algo fundamentalmente oportuno nos espaços eclesiais e fora destes. Na liturgia, se entendida como espaço de manifestação da espiritualidade humana na existência, com seus ritos formais ou informalidades litúrgicas, cada vez mais se poderá perceber a presença do mistério na cotidianidade das pessoas. Ou seja, a experiência do deus que extrapola formas e se dá na gratuidade da vida, dando a ela uma estética religiosa ou espiritual. Libânio enfatiza que:

Se a liturgia cristã não conseguir criar ambientes propícios para realizar a dimensão mística das pessoas, elas perambularão, sem eira nem beira, por mares nunca dantes navegados. Nisso haverá certamente riqueza. Mas tal fato não se isenta do risco de as experiências, que por natureza são profundas e frontais, tornarem-se superficiais e exóticas.²²

Feita a jornada que apresentou a liturgia como um movimento humano que perpassa do público ao privado e do privado ao público, e discutidas as possibilidades humanas no exercício da espiritualidade nos vários “lugares epistemológicos” os quais são objetos de reflexão da teologia em suas formulações, uma questão salta-nos à baila: como a espiritualidade pode ser percebida no cinema?

Já vimos que na sociedade contemporânea, há um deslocamento da religião que opera de maneira fragmentada. Tal fragmentação possibilita que os *pedaços* da religião dispersos pelo imaginário e pela cultura, em algum momento possam ser reelaborados, recriados, dando ao público a possibilidade de, por meio das luzes e da técnica que projeta imagens em movimento, a própria realidade humana seja refletida na narrativa experimentada no cinema.

22 LIBÂNIO, 2003, p. 99.

Este espaço que mescla fantasia com realidade compõe-se no quadro, até então referido ao protagonismo religioso, e que pela alteração sócio estrutural pós-moderna, acaba por fornecer à sede de realização humana a possibilidade de mergulhar na imaginação cinematográfica, fazendo a experiência religiosa em um espaço público e secular. Como aponta Santos:

Antropologicamente, a contemplação/representação visual assume contornos que vão desde a afetividade (como recordação) até o mágico (como posse ou hierofania), atualizando a mesma relação que os habitantes das cavernas cultivavam com suas pinturas e respectivos duplos. O cinematógrafo herdou da fotografia (sem a suceder) técnicas e capacidade de encantar, superando-a ao dimensionar a percepção humana para outros planos, já que agora a imagem tem vida própria e a tela onde é projetada é uma janela para o mundo do fantástico.²³

Da constatação de que a religião em sua forma pós-moderna está presente em espaços diversos, o cinema, pela particularidade que evoca o imaginário mítico, religioso e psíquico, pode, na medida em que possibilita ao público que assiste às exibições uma simbiose mística onde se contempla e se é contemplado pela magia na qual está submersa a narrativa da tela em correlação ao mundo da vida da plateia que assiste. Sobre a possibilidade de uma espiritualidade litúrgica advinda da cultura cinematográfica, Santos conclui que:

Seria, então o cinema, um *revival*, uma invocação da magia ancestral humana, desta magia que habita o imaginário e que desde sempre inscreveu o ser humano em uma ordem de existência distinta daquela condicionada à limitação da animalidade? É possível que sim, desde que consideremos o cinema – e a arte em geral – como repositório de uma razão distinta da razão quo-

23 SANTOS, A. S. Cinema, magia e o deslocamento da religião na sociedade atual. *Correlatio*, v. 15, n. 1, jun. 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/COR/article/view/6717/5292>. Acesso em: 10 ago. 2013.

tidiana, ao qual se ocorre sempre que seja necessário um desligar-se do mundo e um religar-se com essa razão mágica, mítica, idealizada e utópica que muitas películas podem proporcionar.²⁴

Pensar, portanto, em uma espiritualidade litúrgica advinda do cinema, é intuir, com base na afirmação da possibilidade do humano sempre se reinventar a despeito das novas/antigas experiências que sempre seguem o caminho pela jornada da existência. É compreender que há um fundamento interior que expande a capacidade de elaboração de sentido. Tal capacidade perpassa a técnica, a emoção, a psique e a espiritualidade as quais envolvem toda a forma de vida na qual o humano está mergulhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se correlacionar a liturgia e a espiritualidade compreendida de um âmbito particular até o público, tendo como referência de possibilidade o cinema e os desdobramentos socioculturais e religiosos contidos nas experiências advindas dessa invenção.

Para orientar a discussão, verificou-se que a liturgia, em sua concepção pré-cristã e helênica se dava de modo “secular” e não necessariamente sempre no âmbito religioso. Desse entendimento, viu-se com o processo de expansão da fé cristã pelo mundo helênico a necessidade de readaptação ou ressignificação da linguagem em um contexto novo, a saber, a maneira greco-romana de pensar a religião. Assim, o movimento sociocultural de então possibilitou a formulação mais sistematizada da liturgia agregando elementos culturais e formalizando a espiritualidade no contexto particular da celebração religiosa cristã.

A modernidade com a racionalidade instrumental obrigou a religião a acomodar em um espaço privativo, ao fórum priva-

²⁴ SANTOS, 2016, p. 139.

do. Com o desfazimento das ideias e modo de ver a realidade sob o ponto de vista moderno, a pós-modernidade cria ambientes em que a religião, em pedaços se recria e reelabora seus postulados a partir das particularidades.

Nesse caminho, percorreram-se de modo *en passant* a história do cinema e as possibilidades semântico-religiosas de sua invenção. Intuiu-se que, dada a possibilidade de conectar realidade e fantasia, emoção e razão, lógica e espiritualidade, o cinema possui, no emaranhado das possibilidades de vivência religiosa, uma dimensão que favorece exercitar a espiritualidade, por meio da realização advinda do diálogo realidade e ficção, elementos carregados de esperança que transcendem a mesma cotidianidade dos envolvidos na narrativa cinematográfica.

REFERÊNCIAS

142

ALMEIDA, R.; MONTEIRO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2019.

AMORESE, R. M. **Louvor, adoração e liturgia**. Viçosa: Ultimato, 2004.

BOFF, L.; HATHAWAY, M. **O tao da libertação**: explorando a ecologia da transformação. Petrópolis: Vozes, 2012.

CRUZ, J. E. Religião em movimento. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 184-186, 2010. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010085872010000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2019.

GOMES, A. B. A. Bergson e a evolução da vida. **Kinesis**, V. IV, n.07, p. 254-272, 2012. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/anabeatrizgomes254-272.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

HELLWIG, E. C. Espiritualidade cristã em contexto urbano: limites e possibilidades. In: ZWETSCH, R. (org.). **Cenários Urbanos: realidades e esperança** desafios às comunidades cristãs. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 169-204.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock. Acesso em 24/02/2022.

LIBÂNIO, J. B. **Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2003.

LIBÂNIO, J. B.; MURAD, A. **Introdução à teologia: perfil, enfoques e tarefas**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MARIANO, Ricardo. Sociologia da religião e seu foco na secularização. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013. p. 231-242

MASCARELLO, F. (org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

MISSAGGIA, J. A noção husserliana de mundo da vida (Lebenswelt): em defesa de sua unidade e coerência. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 1, p. 191-208, Mar. 2018. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732018000100191&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 ago. 2019.

PANASIEWICZ, R. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANTOS, A. S. Cinema, magia e o deslocamento da religião na sociedade atual. **Correlatio**, v. 15, n. 1, jun. 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/COR/article/view/6717/5292>. Acesso em: 10 ago. 2013.

SANTOS, J. M. G. Cinema e teologia: porque tratar de cinema em uma teologia da cidade? *In*: ZWETSCH, R (org.). **Cenários Urbanos: realidades e esperança desafios às comunidades cristãs**. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 243-255.

SPADARO, A. **Ciberteologia: pensar o Cristianismo em tempo de rede**. São Paulo: Paulinas, 2018.

TEIXEIRA, F. **Teologia e Pluralismo Religioso**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.